

p





semana *santa* 2026

O D R A M A D A



SERMONÁRIO



semanasanta2026

O D R A M A D A





Igreja Adventista
do Sétimo Dia

Produzido pela Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Ministério Pessoal

www.adventistas.org

Coordenação Geral: Pr. Eber Nunes

Autor ou editor: Pr. Amin Rodor

Colaboração: Pr. Hebert Boger

Capa: EWIG Studios

Diagramação: Tiago Wordell

Tradução: Departamento de Tradução DSA

Revisão: Departamento de Tradução DSA

Impressão:

Ano: 2025

ÍNDICE

PREFÁCIO	5
1. O CRUCIFICADO	7
2. JUDAS O BEIJO DA MORTE	11
3. CAIFÁS O CÍNICO	15
4. PILATOS "O QUE FAREI DE JESUS"?	21
5. SIMÃO CIRENEU SEU LUGAR JUNTO À CRUZ	27
6. MARIA, A MÃE DO SENHOR "FAÇAM TUDO O QUE ELE DISSER"	31
7. NICODEMOS O DISCÍPULO DA NOITE	35
8. O PODER DA SUA RESSURREIÇÃO	39



Co
re
re
ac
ca
de
in
in
Co
la
na
su
ja
su
ca
re
tu
co
te
Es
td
na
p
Sa
lh
Es
p

PREFÁCIO

Considerando o propósito deste livro (O Drama da Paixão 1: Estes O viram morrer), de prover os temas básicos para o esforço evangelístico da Semana Santa, aqui estão os esboços sugestivos para os oito sermões. “Sugestivos” porque cada pregador tem uma forma pessoal de organizar e apresentar seus sermões, definir os pontos de ênfase e fazer o apelo. Estes esboços, portanto, não têm a intenção de substituir esses elementos que são pessoais de cada pregador e intransferíveis.

Creio que um sermão não precisa ser, necessariamente, original, mas, por outro lado, um sermão deve ser autêntico. Isto é, o sermão, embora não sendo original, deve obrigatoriamente passar pelo filtro da personalidade do pregador. A sugestão é que os textos de cada capítulo, que correspondem a um sermão, sejam cuidadosa e intensamente estudados, e apropriados pelo pregador. Cada subdivisão do esboço deve ser preenchida a partir do estudo do texto de cada capítulo do livro. Assim, o que for apresentado por aquele que ocupa o púlpito representará algo próprio, envolvendo sua personalidade e percepção espiritual. Repetindo: As brechas das divisões destes esboços devem ser preenchidas com as informações fornecidas no texto completo. Caso considere que esses textos são muito longos, elimine aquilo que julgar necessário.

Estes esboços oferecidos representam apenas uma forma de pregar alguns dos tópicos do Drama da Paixão. Eles são incluídos, repito, como uma sugestão, na tentativa de facilitar o esforço de muitos que estarão, na Páscoa, ativos em proclamar a história da cruz, que continua viva e atual. Sob a ação do Espírito Santo, “A Velha História” continua sendo reatualizada, tocando homens e mulheres, tornando seus olhos brilhantes e úmidos. Desejo que, sob a ação do Espírito, pessoas na sua audiência sejam inspiradas a ser o que cada pessoa pode se tornar em Cristo.

Amin A. Rodor



IN

"N

g

d

sa

Éc

d

es

p

d

I.

1.

2.

3.

4.

5.

1

O CRUCIFICADO

INTRODUÇÃO

“No lugar onde Jesus fora crucificado, havia um jardim...” diz o Evangelho segundo João 19:41. Mas a crucifixão de Jesus acontece num Jardim que antecede o Calvário. A crucifixão, de certa forma, acontece no Getsêmani, onde grossas gotas de sangue escorrem de Sua face. Ou, ainda antes, em outro jardim: o Éden, onde um cordeiro foi sacrificado para cobrir a nudez dos primeiros pais da raça e, simbolicamente, de todos os pecadores do planeta. A cruz também está presente em um jardim que antecede a própria história: o jardim do eterno paraíso de Deus. Pois, como afirma Apocalipse 13:8, Cristo é o “Cordeiro morto desde a fundação do mundo”. São essas as manifestações da cruz antes da cruz.

I. A CRUCIFIXÃO

1. A cruz, como método de execução adotado pelos romanos, era apenas sadismo legalizado. Inventada pelos fenícios na periferia do Império Romano, a cruz era utilizada por sua capacidade de prolongar o sofrimento.
2. O processo da crucifixão de Cristo foi precedido pelo açoite, bofetadas e uma coroa de espinhos.
3. A divina vítima foi obrigada a carregar o patíbulo, que podia pesar entre 25 e 30 quilos, até o local da execução.
4. No Calvário, o crucificado, despido, era levantado ao madeiro vertical. O sedile, peça de madeira, era um tipo de assento, inventada para manter a respiração.
5. No Calvário, cumprem-se os sinais do fim do mundo que o próprio Cristo havia antecipado.

II. A REVELAÇÃO DA CRUZ

1. Para Lutero, a cruz é a fonte do verdadeiro conhecimento de Deus.
2. Cada religião ou ideologia, observa John Stott, é representada por um símbolo visual. Os cristãos escolheram a cruz, símbolo de vergonha, dor e abandono.
3. Paulo, que inicialmente via na cruz uma contradição de termos, afinal entendeu que “A cruz é loucura para os que se perdem” (1 Coríntios 1:18), mas representa a sabedoria de Deus, revelada através dela.

III. POR QUE A CRUZ

1. Três nações no Novo Testamento se gloriavam de maneiras diferentes:
 - a. Os gregos se gloriavam no conhecimento, na filosofia.
 - b. Os romanos, na força, na lei, na disciplina e na organização.
 - c. Os judeus se gloriavam em sua religião, nos méritos da raça e em suas tradições.
2. O apóstolo Paulo introduz uma razão na qual se gloriar: “Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gálatas 6:14).
3. Por que se gloriar na cruz?
 - a. **PRIMEIRO:** A cruz expressa a largura e a profundidade do pecado. Pecado é uma das categorias centrais das Escrituras. O que é pecado? Rebelião. Tornamo-nos centralizados no “eu”. O pecado é incurável por qualquer método humano – irreversível, mortal e universal. “Nosso amor a Cristo será proporcional à profundidade de nossa convicção do pecado” (Ellen White, *Fé e Obras*, p. 86).
 - b. **SEGUNDO:** A cruz por um lado revela quem nós somos sob o pecado, mas ao mesmo tempo revela quem Deus é, Sua graça e amor. Ela é o para-raios que absorveu a condenação do planeta. Ela é a rocha onde se quebram as ondas do maligno. Jesus ali recebeu o impacto do julgamento. A cruz é a chave que abriu os portões do paraíso perdido em Adão.
 - c. **TERCEIRO:** A cruz é a única solução para o dilema humano. Como Naamã, o general sírio, descrito com grandes títulos, mas ferido de lepra. Naamã inicialmente se gloriava nos “rios de Damasco.” Para ser curado

teve que submeter-se à indicação de Deus. Podemos crer em vão em nossos recursos.

- d. **QUARTO:** Paulo se gloriava na cruz por causa do seu poder transformador. Pela cruz, “o mundo está crucificado para mim e eu estou crucificado para o mundo” (Gálatas 6:14). Pelo poder da cruz, podemos nos tornar novas criaturas. E quando morremos para o mundo, sua lógica, sua filosofia, seus achismos, é que podemos descobrir o real significado da vida.
- e. **QUINTO:** A cruz é símbolo de serviço. Na cruz, Jesus estabeleceu a norma de serviço do Reino de Deus. Na escola de Cristo, aprendemos que grandes são os que servem, quando nos submetemos a Ele e nos tornamos servos. Tentar ser “grande”, como a grandeza é considerada pelos “grandes do mundo”, é apenas paganismo disfarçado em vestes clericais.

CONCLUSÃO

A salvação não está à venda. Ela é o dom gratuito de Deus. Não podemos comprá-la. Todo nosso mérito, pretensão e arrogância, não passam de moeda sem qualquer valor. A salvação é nossa quando aceitamos Jesus Cristo, pela fé. Você pode vir a Ele hoje mesmo. Ele o aceitará, perdoará, purificará e qualificará para o serviço real.

Não importa o que lhe oferecerem, Cristo cobre a oferta. Deixe o sol do Universo brilhar em você, na sua vida. Através Dele você verá todas as coisas em sua real dimensão e significado. A visão se tornará clara e perfeita. Sua luz aquecerá, iluminará, purificará e transformará você. Deus permite o retorno em qualquer ponto da nossa caminhada. Ao contrário do sistema humano, marcado pelo perfeccionismo e que exige mudança para alcançar aceitação, Deus nos acolhe como estamos e diz: “Eu transformarei você!”

ANOTAÇÕES

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no text or other markings on the paper.

2

JUDAS | O BEIJO DA MORTE

INTRODUÇÃO

Judas Iscariotes é o mais conhecido e notório discípulo de Jesus Cristo. Mas, “conhecido e notório” pela razão negativa. Conhecido na arte, literatura, política e história por seu ato de traição. Judas representa o mais colossal e funesto exemplo de rejeição da graça divina. Seu nome é uma variação de “Judá”, que significa o “Senhor Guia”. Mas, o irônico é que, em Judas, encontramos a demonstração de alguém diretamente guiado pelo diabo.

Seu sobrenome, ou alcunha, “Iscariotes” era uma indicação de sua procedência. Queriete era uma pequena vila de Judá, no sul da Judeia (Josué 15:25). Literalmente, Judas era “o homem de Queriete”.

QUEM ERA JUDAS?

1. Sabemos pouco sobre ele, além do nome, lugar de procedência e o nome do seu pai, Simão (João 6:71). Judas era o único discípulo procedente da Judeia, o que pode ter-lhe dado certa preeminência entre os demais discípulos, todos vindos da Galileia, pescadores ou camponeses simples.
2. Também não sabemos os detalhes do seu chamado.
3. Como os outros, ele ouviu o chamado de Jesus e participou do Seu ministério. Permaneceu com Jesus quando outros deixaram de “andar com Ele” (João 6:66, 67).
4. Talvez Judas fosse um zelote – um patriota que sonhava com a libertação do domínio de Roma.
5. Foi impressionado pelo ministério de Jesus: Seu carisma e poder de atração. Em associação com Jesus, teve, inicialmente, o desejo de ser transformado.

Chegou a amar o Senhor. Por outro lado, Judas era vítima da ganância e de uma agenda pessoal de riqueza e posição.

6. O Salvador leu seu coração, viu a profundidade de sua iniquidade. Buscou alcançá-lo, mas Judas tornou-se um traidor. Tornou-se uma pedra de tropeço para o outros discípulos.
7. Progressivamente o câncer da traição enraizou-se em sua vida: “A verdade quando não santifica endurece”.
8. Judas, como milhões de outros ao longo da história do Evangelho, frustrou as intenções e esforços divinos.

II. CULPADO OU INOCENTE?

1. Para muitos, Judas apenas cumpre um papel profético. Mas devemos entender que a profecia da traição está baseada na presciência divina, não em predestinação.
2. Judas não é inocentado de sua culpa. Ele é descrito pelos autores dos Evangelhos canônicos e pelo próprio Jesus, como culpado por aquilo que fez. Suas escolhas determinaram sua trajetória e trágico desfecho.
3. Ele permitiu que Satanás dominasse seu coração (João 13:27). Atos 1:18 refere-se à “iniquidade do seu coração.”
4. Consistentemente ele rejeitou a oferta divina e seguiu sua agenda. Ninguém o forçou a isso.

A VITÓRIA DO DIABO

1. Pela cronologia dos Evangelhos, a ação traidora de Judas se aprofunda na terça-feira da última semana de Jesus, depois do jantar na casa de Simão, o leproso (Mateus 26:6-12). Judas combina os detalhes com os inimigos de Cristo. Na quinta-feira, depois da ceia, ele leva os guardas do templo ao local onde Jesus estava no Getsêmani. Ele O identifica com a senha combinada.
2. O beijo, um sinal de amizade e amor. O beijo de Judas torna-se o mais famoso beijo da história. Aquele era o beijo da morte: Não a morte de Cristo, mas a morte de Judas.
3. A resposta de Jesus (Mateus 26:50) é extraordinária: “amigo”.
4. Jesus, em Sua visão profética, certamente anteviu todo o drama que cercaria a vida e a morte de Judas: seu remorso, a devolução do dinheiro — o

preço da traição —, a frieza e indiferença dos principais dos judeus, e, por fim, o desespero que levou ao suicídio.

III. A PERCEPÇÃO DO SAGRADO

1. Judas certamente percebeu o sagrado em Jesus. O sagrado e a consciência de Deus ainda nos incomodam, deixando-nos apenas duas alternativas: aceitá-Lo ou virar-Lhe as costas.
2. Jesus tentou despertá-lo. A desobediência gera a incredulidade (não o contrário) e produz uma blindagem ao redor daqueles que rejeitam o Senhor. O “homem de Queriote” tornou-se o apóstolo das trevas.

IV. O MOTIVO DA TRAIÇÃO: A AVALIAÇÃO DOS EVANGELHOS

1. Lucas e Mateus: enfatizam a “a ganância de Judas”.
2. O primeiro Evangelho menciona o preço da “barganha”: trinta moedas — o valor de um escravo. Foi por esse preço que Aquele que veio libertar os homens de seus pecados e mazelas foi avaliado e vendido (Mateus 27:9, 10; Zacarias 11:13).
3. João coloca em maior destaque que Judas age sob direta influência do Diabo (João 6:70, 71).
4. Marcos enfatiza o fato de que Judas era “um dos doze”, o que parece tornar sua conduta um monstruoso e inexplicável mistério. Tão próximo de Jesus, e tão longe Dele!

CONCLUSÃO

- O que podemos aprender de Judas?
- Podemos nos aproximar de Cristo em profissão de serviço, ou simular submissão a Ele, sem que isso não passe de uma farsa.
- A traição de pretensos amigos não impedirá os planos divinos, que, no fim, se cumprirão e triunfarão soberanamente.
- Judas esteve próximo de Cristo, ouviu-Lhe os sermões e ensinamentos. Presenciou Seus milagres, mas seu coração tornou-se, pela contínua rejeição, endurecido como um pedaço de granito. Ele permaneceu um descrente, e Jesus não pôde alcançá-lo.
- A história de Judas apresenta uma gélida mensagem. No coração de Judas estavam idolatrias que não foram curadas.

3 CAIFÁS | O CÍNICO

INTRODUÇÃO

A narrativa dos Evangelhos se concentra nas ações que levam à execução de Jesus em uma semana. A semana que inicia com uma multidão que O segue clamando “Hosana” e ironicamente termina com um grito geral: “Crucifica-O”. Caifás é o sumo sacerdote em exercício e ocupa um lugar de destaque no julgamento e na condenação do Senhor nesta semana, que entra para a História.

Ele chegou ao topo do poder religioso em Jerusalém e manipulava o pensamento dos demais membros do Sinédrio, do qual ele era o presidente. Membro do partido dos fariseus, ele vinha de uma família rica e casou-se muito bem com a filha do influente Anás.

I. CAIFÁS, O GENRO DE ANÁS

1. Com a falência espiritual de Israel, o cargo de sumo sacerdote passou a ser objeto de intrigas políticas, indicado pelo poder romano.
2. Anás, sogro de Caifás, é mencionado apenas no Evangelho de João (João 18:12, 19-24). Indicado para a posição em 6 d.C. e deposto da alta função em 13 d.C., Anás, contudo, não perdeu sua influência — como afirmado pelo historiador Flávio Josefo e confirmado pelo Novo Testamento.
3. Em Lucas 3:2, Anás e Caifás são mencionados como “sumos sacerdotes”. Em Atos 4:6, Anás é tratado como “sumo sacerdote”. Funções que se sobrepõem: Caifás era o sumo sacerdote por direito. Anás, entretanto, era o sumo sacerdote “emérito”.

II. QUEM ERA CAIFÁS

1. Depois de uma rápida sucessão de sumos sacerdotes da família de Anás, Caifás foi apontado sumo sacerdote dos judeus, pelo procurador romano Valério Grato, o predecessor de Pôncio Pilatos, posição que ocupou entre 18 e 36 d.C.

2. Provavelmente, foi no último ano do ministério de Jesus que Caifás alcançou a mais alta posição dentro da liderança judaica. Como sumo sacerdote, além de presidente do Sinédrio, ele administrava o tesouro do templo e comandava o destacamento policial a serviço do templo.
3. O Sinédrio era a suprema corte e legislatura política, civil e religiosa dos judeus, mas com influência internacional, alcançando os judeus dispersos.

III. INCOMODADO POR JESUS

1. Ao purificar o templo e expulsar os cambistas e vendedores de animais no pátio do templo (João 2:13-22), Jesus atraiu a atenção.
2. Com Seu carisma, Sua lógica, Seus milagres e ensinamentos, Jesus passa a ser visto como uma ameaça ao status quo e aos interesses financeiros dos saduceus no controle do templo.
3. Jesus era diferente de outros pregadores que já haviam surgido. Ao contrário de outros, esse novo Mestre contava histórias, Suas parábolas faziam as pessoas pensarem.
4. A questão era: como combater um homem que conta histórias? Caifás certamente percebeu o caráter subversivo das parábolas e o significado delas. Jesus minava as tradições, ridicularizava a religião engessada e superficial, a ortodoxia inútil, preocupada com detalhes insignificantes.
5. Jesus redefiniu o conceito de Deus, o significado da vida, a noção do pecado. O pecado desce aos porões das motivações (Mateus 15, Marcos 7). Ele deu ao sábado uma nova compreensão, libertando o mandamento das tradições. Para Jesus, esmolas, jejuns e orações, praticados para impressionar, não têm valor diante de Deus.
6. Esse jovem Rabi parecia implodir os fundamentos da esclerosada religião institucional. A ameaça deveria ser removida, o que se torna uma ideia fixa.

IV. A INVEJA DE CAIFÁS

1. De maneira astuta, Caifás formula sua filosofia “politicamente correta” (João 11:47, 48). “[...] é melhor para vocês que morra um só homem pelo povo e que não venha a perecer toda a nação” (v. 50), e desde então resolveram matá-lo.

2. Com a cumplicidade de Judas, Caifás ordena que Jesus seja preso naquela noite de quinta-feira. Do Getsêmani, Ele é levado a Anás e, depois, a Caifás, cuja casa ficava nas proximidades.
3. Segundo os Evangelhos, Caifás é o grande articulador no julgamento de Jesus. O encontro que determinou Sua morte, incluiu os principais dos sacerdotes além de Anás e Caifás (Mateus 26:3).
4. O complô homicida acontece no palácio de Caifás, na “Colina do Conselho do Mal”, região sul de Jerusalém. Como o cabeça do Sinédrio, Caifás é o responsável pelo julgamento de Jesus.

V. O JULGAMENTO ILEGAL

1. A morte de Jesus cumpre um propósito profético de substituição redentora. Isso, contudo, não inocenta a injustiça dos Seus juízes. Como no caso de Judas, Anás, Caifás e o Sinédrio não podem ser inocentados do seu crime.
2. De acordo com a Lei Hebraica, o procedimento foi ilegal sob diversos aspectos:
 - a. Prisões noturnas eram proibidas;
 - b. Caifás agiu de forma ilícita ao utilizar Judas, que, sendo discípulo de Jesus, deveria ser considerado cúmplice no suposto crime, o que também era vedado pela Lei;
 - c. Jesus foi preso sem nenhum mandado legal;
 - d. A Lei Hebraica proibia manietar um homem ainda não condenado (João 18:12, 13).

Em audiências ilegais com Anás, Caifás, alguns membros do Sinédrio, e posteriormente com todo o Sinédrio, Jesus viu-Se cercado por Seus mais amargos inimigos. A intenção era encontrar acusações legais contra o Réu. As ilegalidades se multiplicaram. No julgamento, diante de Anás, Jesus foi esbofeteado por um dos guardas (João 19:27). A resposta de Jesus ao ato covarde e brutal, revela a Sua extraordinária disciplina e autocontrole.

3. A Lei Hebraica exigia pelo menos 24 horas de espaço entre uma audiência e outra, em casos de sentenças capitais, julgando-se que novas evidências em favor do réu pudessem surgir. Mas a pressa em se livrar de Jesus violou esse princípio protetivo, desrespeitado pelo Sinédrio.

4. A Lei Hebraica ainda exigia que os juízes fossem imparciais e isentos de paixão para julgar “com boa consciência”. No caso de Jesus, a corte que O julgou já decidira a sentença antes do julgamento.
5. Outra clara ilegalidade é demonstrada no fato de que Jesus não dispôs de qualquer defesa neste tribunal de assassinos.

VI. AS CAUSAS DO ÓDIO

1. Testemunhas falsas foram produzidas com acusações ridículas.
2. Mas as reais razões do ódio contra Jesus eram outras:
 - a. Ele desmascarou a impiedade e a hipocrisia dos altos escalões do judaísmo;
 - b. Denunciou as desonestidades e a farsa das “celebridades religiosas”;
 - c. Chamou-os de “raça de víboras”;
 - d. Proferiu os terríveis “ais” contra aqueles que se consideravam “santos” (Mateus 23);
 - e. Afirmou que eram piores do que aqueles a quem julgavam os maiores pecadores — como prostitutas e publicanos;
 - f. E, por fim, ameaçou diretamente seus ganhos ilícitos e vantagens financeiras. Em outras palavras, Jesus expôs as entranhas da hipocrisia dos altos escalões do judaísmo.
3. Jesus foi acusado de ter-Se proclamado Filho de Deus, o Messias. Mas não era essa a esperança essencial dos judeus? Não seria essa a oportunidade para o Sinédrio examinar a questão com sinceridade de consciência?

CONCLUSÃO

Há vinte séculos, Caifás e seus colegas têm envergonhado a história da humanidade. Foram responsáveis pelo episódio mais importante da história, marcado por falhas e injustiças.

De que acusavam o Divino Réu? Jesus Cristo havia incomodado o estabelecimento religioso. As reprovações mais duras de Cristo, suas advertências mais cáusticas não foram contra aqueles que eram considerados grandes pecadores, os imorais e impuros. Mas, contra aqueles que se julgavam “santos” e “perfeitos”, portanto, “melhores” na avaliação deles mesmos (Lucas 18:9-14).

Os que ocupavam altas posições religiosas foram seriamente estremecidos por esse obscuro Rabi Galileu. Mestre em arrancar máscaras, Jesus deixou claro que os pretensos religiosos não passavam de farsantes, usando o nome de Deus.

Caifás reaparece no livro de Atos. Ele e outros do Sinédrio, com as mãos ainda molhadas pelo sangue de Jesus Cristo, julgam Pedro e João pela cura de um aleijado (Atos 4:6). O mesmo inimigo de Cristo, duro e inflexível. Provavelmente Caifás era ainda o sumo sacerdote perante quem Estevão foi trazido (Atos 7:1). Há grande possibilidade de que foi dele que Saulo obteve cartas autorizando a trazer cristãos de Damasco para Jerusalém (Atos 9:1, 2).

Não sabemos qual é o final de Caifás. Josefo informa que ele e Pilatos foram depostos em 36 d.C., pelo governador Vitélio.

Em 1990, um ossário foi encontrado em escavações no sul de Jerusalém, com a inscrição: "José, filho de Caifás". Dentro da caixa obituária estavam os ossos de seis pessoas, incluindo os ossos de um homem de cerca de sessenta anos, os quais, os eruditos dizem que provavelmente eram do sumo sacerdote que condenou Jesus. É aí que termina a história de Caifás? Será?

Os Evangelhos de Mateus e Marcos registram o último encontro de Jesus com Caifás, o arrogante sumo sacerdote que exigia uma declaração direta sobre Sua identidade como o Messias. Chegara, então, o momento de uma resposta clara e definitiva. E o que Jesus disse, com voz pausada e solene, deve ter acompanhado Caifás pelo resto de sua vida: "Eu sou, e vereis o Filho do Homem... vindo com as nuvens do céu" (Marcos 14:62).

Caifás, afinal, ressuscitará no glorioso retorno de Cristo, como parte de uma ressurreição especial. Para seu indescritível terror, ele verá estarrecido o cumprimento da infalível palavra do Senhor. A reversão será formidável: O Julgado, então à frente de Caifás, machucado, ferido e injustiçado, será o seu Juiz!

ANOTAÇÕES

This image shows a full page of blank, lined paper. It features approximately 20 evenly spaced horizontal gray lines across the entire width of the page, providing a guide for handwriting or typing. The background is a uniform light gray, and there are no margins, text, or other markings present.

4

PILATOS | “O QUE FAREI DE JESUS”?

INTRODUÇÃO

Pilatos, o governador romano em Jerusalém, foi abruptamente despertado naquela sexta-feira, 14 de Nisã. Temendo contaminação cerimonial, os líderes judeus recusaram-se a entrar no tribunal.

Jesus já havia sido preso, julgado e condenado por Anás, Caifás e o Sinédrio. Agora, é levado ao tribunal romano, para a validação da sentença. O Prisioneiro é entregue aos guardas do Pretório, enquanto os acusadores tratam a questão à distância.

I. O GOVERNADOR ROMANO

1. Não temos muitas informações sobre ele. Segundo a tradição, Pilatos foi um soldado. Cresceu em campos de batalha dos exércitos de Roma. Sua bravura atraiu a atenção de César e, por fim, recebeu como recompensa o posto de governador na Judeia.
2. Nessa sexta-feira, com o Prisioneiro que lhe levaram, ele sabia que seria um julgamento complicado.
3. Certamente Pilatos já tinha ouvido falar de Jesus, Seu carisma e autoridade. Suas parábolas e curas. Ele sabia que o estabelecimento religioso judeu se sentia incomodado por Ele.
4. Pilatos foi indicado procurador romano nessa afastada região por Tibério, para um período de 10 anos. E, de fato, ele permaneceu lá de 26 a 36 d.C. A hostilidade entre ele e os judeus era recíproca, e as desconfianças eram mútuas. Josefo menciona que Pilatos apropriou-se de dinheiro do templo para construir um aqueduto. Filo, outro historiador, numa carta ao imperador,

Calígula, descreve Pilatos como um homem inflexível, cruel e obstinado. Os Evangelhos parecem confirmar esse quadro.

5. Pilatos adquiriu a fama de ser capaz, com o típico senso romano de “fair play”, decidido em manter a “lei e a ordem”. Ele era implacável em reprimir rebeliões e qualquer ameaça ao império.

II. JESUS PERANTE PILATOS

1. Jesus é entregue ao governador romano, falsamente acusado de subversor da paz, e opor-se ao pagamento de tributos a César (Lucas 23:2).
2. Sua pergunta: “Qual é o crime deste homem?”, parece refletir um tom irônico. Pilatos conhecia a malícia e os malabarismos políticos dos líderes judeus.
3. Diante de Jesus, Pilatos estava estarelecido, o Réu não lhe parecia representar qualquer ameaça. Homem pragmático, Pilatos pergunta: “És tu rei dos judeus”? (João 18:33).
4. Ele observou com mais atenção o Homem à sua frente, que deveria ser julgado. As marcas do abuso eram evidentes — os lábios ainda inchados pela bofetada recebida no julgamento de Anás (João 19:3). Ainda assim, Jesus o intrigava. Ferido, enfraquecido pelas longas horas de julgamento e coberto de marcas de sangue, jamais parecera tão belo. Havia Nele a dignidade de um rei no trono.
5. Pilatos não estava preparado para tratar esse caso. Ele sabia de reis que são mantidos pela violência e a espada, como na saga dos imperadores romanos.

III. “MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO”

1. Jesus testa o homem que O julga: “Vem de ti mesmo esta pergunta ou to disseram outros a meu respeito?” (João 18:34). Embaraçado, Pilatos tenta recompor-se e muda de estratégia: “Que fizeste”?
2. A resposta de Jesus o deixa mais perplexo: “O meu Reino não é deste mundo” (v. 36).
3. Que Reino é este? Nenhum domínio para ser defendido. Nenhuma fronteira para ser guardada. Nenhum exército para ser treinado. Nenhuma submissão a ser imposta. Que Reino é esse?
4. Pilatos é confrontado com outro nível da vida que transcende tudo o que conhecia. Diante dele está a encarnação de uma autoridade que vai muito

além do poder político romano. O timbre da voz de Jesus transmite não apenas autoridade, mas paz. Seu olhar parece penetrar nos recessos mais íntimos do homem que O julga. Pilatos sente-se desarmado diante desse Galileu.

5. Jesus diz: “Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade” (João 18:37). Pilatos conhecia as discussões filosóficas sobre a “verdade”. Pergunta então: “O que é a verdade?” (v. 38). Mas não espera a resposta.
6. Para Jesus, a verdade não é um conceito filosófico, mas uma Pessoa: “Eu sou a verdade” (João 14:6) e “todo aquele que é da verdade ouve a minha voz” (João 18:37).
7. No próximo quadro, Pilatos, busca refúgio em sua autoridade: “Não sabe que tenho autoridade tanto para soltar você como para crucificá-lo?” (João 19:10). Jesus não Se deixa intimidar: “Respondeu-lhe Jesus: Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada” (v. 11).
8. Talvez pela primeira vez em sua vida, o governador se encontra com um Homem livre. Livre de medos, de insegurança, da corrupção, da cobiça e da arrogância. Livre para cumprir a missão para a qual viera ao mundo.

IV. A FRAQUEZA DE PILATOS

1. Pilatos torna-se mais convencido da inocência de Jesus. E “a partir deste momento, Pilatos procurava soltá-lo [...]” (João 19:12).
2. Três vezes o procurador publicamente declara que não encontrou nenhuma razão para condená-lo.
3. É nesse momento que lhe chega às mãos uma mensagem de sua esposa, a quem a tradição chamou de Claudia: “Não se envolva com este inocente, porque hoje, em sonho, sofri muito por causa dele” (Mateus 27:19).
4. A mensagem de sua esposa não estava baseada em intuição feminina. Segundo Ellen White, um anjo foi-lhe enviado do Céu (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 533).
5. Num futuro distante, ela viu Jesus Cristo, como Rei dos reis, em Seu retorno. Horror encheu o seu coração. Ela enviou uma mensagem ao marido. Pilatos ficou assustado e estremecido. Tentou libertar Jesus (João 19:12), algo que os líderes judeus pareceram perceber.

6. Além de sua convicção da inocência de Jesus, nas narrativas dos Evangelhos, Pilatos tentou evitar uma decisão clara, certamente amedrontado pelos inimigos de Jesus. Buscou 4 rotas de evasão:
 - a. Enviou Jesus a Herodes;
 - b. Tentou “meias medidas”, permitindo que Jesus fosse açoitado. Se o Réu era inocente, por que açoitá-lo?
 - c. Pilatos tentou a alternativa de Barrabás, transferindo a decisão para a multidão. Clemência em lugar de justiça;
 - d. Sua última tentativa: lavar as mãos, protestando ser inocente (Mateus 27:24, 25).
7. Antes que suas mãos estivessem secas, entregou Jesus para ser crucificado. Tornou-se responsável por uma monstruosa injustiça. A omissão e a covardia podem ser impiedades maiores do que a pior das ações.

CONCLUSÃO

Aqueles que buscam evitar os resultados de um aberto compromisso com Jesus, buscam subterfúgios convenientes para a recusa. Os gritos e a ameaça da multidão prevaleceram. Pilatos decidiu atender o pedido deles. Soltou Barrabás. Nossas contradições e incoerências se tornam nossas piores armadilhas!

Os judeus tocaram no ponto fraco de Pilatos: “Se você soltar este homem, não é amigo de César!” (João 19:12). A escolha era entre a honra e a ambição, entre a verdade e o conveniente. Jesus era inocente. Pilatos sabia. Como defender a inocência de Jesus, fazendo justiça e ao mesmo tempo não se indispondo com a multidão e os líderes judeus? Pilatos tentou conciliar o irreconciliável.

Não se pode servir a dois senhores, Jesus disse. A covardia pergunta: “É seguro?” A vaidade pergunta: “É popular?” O mercenarismo pergunta: “Quanto vou ganhar?” O materialismo pergunta: “É lucrativo?” Mas a consciência e o dever perguntam simplesmente: “É correto?” Sempre chega o momento em que uma pessoa deve tomar uma decisão que não é segura, nem politicamente correta, popular ou lucrativa, mas que deve ser assumida simplesmente porque ela é correta.

Judas O “entregou” por cobiça.

Caifás O “entregou” por malícia.

Pilatos O “entregou” por covardia e conveniência.

A morte de Jesus, para expiação do pecado, é débito de todos. Todos nós estávamos lá, representados por aqueles que testemunharam Sua morte, e não como meros espectadores. Assim, antes de podermos ver a cruz como algo feito em nosso favor, levando-nos à fé e ao arrependimento, “apenas aquele que está pronto para partilhar na culpa da Cruz pode clamar participação em sua graça”.

Em Mateus 27:32, em desespero, diante da multidão que escolhe Barrabás, Pilatos pergunta: “Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo?” Essa é a pergunta que atravessa a história e a poeira do tempo, e ninguém pode respondê-la em seu lugar.

ANOTAÇÕES

This image shows a full page of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page. There is no handwriting or other markings on the paper.

This image shows a full page of blank, lined paper. It features approximately 20 evenly spaced horizontal grey lines across the entire width of the page, providing a guide for handwriting or typing. The background is a solid off-white color.

5

SIMÃO CIRENEU | SEU LUGAR JUNTO À CRUZ

INTRODUÇÃO

Perfis imprecisos de alguns personagens das Escrituras, figuras semianônimas com pouquíssimas informações sobre elas.

Simão Cireneu é uma dessas figuras que deixa uma extraordinária marca em milhões de pessoas ao redor do mundo onde a história do Evangelho é pregada. Ele é citado nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas — cada um com apenas um texto a seu respeito. Ainda assim, aparece na história sagrada, nos últimos instantes da vida de Jesus Cristo, da forma mais inesperada.

I. ANTECEDENTES

1. Jesus, na última fase do Seu ministério, enfrenta rejeição e hostilidade.
2. Ao terminar a Ceia, na quinta-feira, Ele Se dirige para o Jardim do Getsêmani com Seus discípulos, onde é preso e levado para Anás e depois Caifás, o sumo sacerdote em exercício (Mateus 26:57).
3. As ilegalidades do julgamento são grotescas. Jesus é condenado em dois tribunais separados. Nas audiências preliminares com Anás, Caifás, e depois o Sinédrio, esperava-se que Jesus Se incriminasse.
4. Na segunda série de julgamento, Jesus é interrogado por Pilatos, enviado a Herodes Antipas e, em seguida, reconduzido a Pilatos. Jesus é esbofeteado, açoitado, coroado com espinhos e coberto com uma capa carnavalesca, objeto de gracejos.
5. Jesus é entregue aos soldados e coloca-Se no caminho do Calvário. Sem alimento ou água. Sem dormir, cansado pelos atropelos e abusos das últimas horas.

II. A CAMINHO DO CALVÁRIO

1. Ele leva em Seus ombros o madeiro horizontal da cruz, o patíbulo, que podia pesar até 30 quilos.
2. Sumário do artigo incomum publicado pelo Jornal da Associação Médica da Clínica Mayo, Jesus encontra-Se em estado crítico.

III. O ENCONTRO COM JESUS

1. Os dois estão em direções opostas.
2. Cirene, de onde Simão procedia, era uma colônia grega, no Norte da África, com uma importante população judaica. Isso sugere que Simão não vivia em Jerusalém, onde o evento da crucificação aconteceu. Ele havia ido para as celebrações da Páscoa.
3. “A cruz preparada para Barrabás foi posta em Seus ombros feridos e sangrentos. [...] A carga que o Salvador devia carregar era pesada demais para o estado de fraqueza e sofrimento em que estava” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 596).
4. O momento do encontro é preciso. Estarrecido, Simão, presencia a cena de vergonha e dor. Será que o contato com o sangue e com os soldados pagãos teria feito o cireneu sentir-se impuro para a Páscoa, frustrando assim o propósito de sua longa viagem?

IV. NO SERVIÇO DA CRUZ

1. Simão foi compelido. Os soldados romanos o forçaram. Jesus estava em Seu limite de resistência física.
2. Teria a providência divina conduzido os soldados romanos a Simão?
3. Simão não foi mero expectador. Participou diretamente do sofrimento de Cristo. Teria Deus, em Sua infinita misericórdia, provido a ajuda? Tomar a cruz torna-se um tipo de participação que se tornaria para sempre parte do discipulado?
4. Levar a cruz é talvez um dos maiores privilégios das Escrituras, papel desempenhado por um figurante menor e quase anônimo.
5. Quanto Simão sabia? Quanto chegou a compreender? Todos os outros do cortejo desapareceram no tempo, mas a memória de Simão permanece viva e inspiradora – naquele momento em que ele se ajoelhou ao lado do

corpo caído de Jesus. Ligou-se, para sempre, ao grande drama do Universo. O homem de Cirene, num ato não ensaiado, fez o que milhões de cristãos, ao longo dos séculos, estariam dispostos a fazer se tivessem a oportunidade. Ele acompanhou Jesus até o Calvário e testemunhou o desfecho daquele drama.

6. O privilégio também é nosso: tomar a cruz e seguir Jesus em dedicação e serviço.

V. ALEXANDRE E RUFO

1. As Escrituras não oferecem muitos detalhes sobre Simão.
2. Marcos 15:21 refere-se a ele como pai de Alexandre e Rufo: membros da igreja primitiva.
3. Em Romanos 16:13, o apóstolo Paulo incluiu uma saudação a “Rufo, eleito no Senhor, e igualmente a mãe dele, que também tem sido mãe para mim”.
4. Seriam eles o filho e a esposa de Simão? Se esse é o caso, o serviço e a dedicação eram parte da família de Simão. Simão não é lembrado nas Escrituras por seus talentos, conhecimento, recursos ou religiosidade exterior. Sua participação nas narrativas dos Evangelhos dura um curto espaço de tempo, que poderia ser contado em termos de minutos, mas de significado eterno.

CONCLUSÃO

O longo percurso do cireneu, do Norte da África à Palestina, nos vem à mente:

Preparado para a celebração da Páscoa, encontra-se com Aquele que é a nossa Páscoa (1 Coríntios 5:7). Esse era o encontro de sua vida. Presenciou os cravos atravessarem as mãos e os pés do Senhor. Viu a lança romana abrir-Lhe o peito. Partilhou da intensidade daquele momento. Viu o sol se escurecer. Ouviu a oração do Salmo 22 nos lábios do Crucificado. O brado do Senhor ressoava em seu ouvido: “Está consumado”. Ele viu abaixar a cabeça e o sol, intenso e brilhante, como jamais o havia visto. Simão saiu do Calvário marcado para sempre.

Nada sabemos de Simão depois disso. Permaneceu em Jerusalém? Faria parte do grupo mencionado em Atos 2:10 entre outros de Cirene, contado como “judeus piedosos”? Não sabemos, e isso realmente não importa. O importante é que Simão, depois daquele encontro, passou a levar a cruz do Senhor em sua vida, que agora também pertencia a Ele (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 597).

IN

On
de
so
br
de

Pr
at
m

1.

1.

2.

3.

11.

M

1.

2.

MARIA, A MÃE DO SENHOR | “FAÇAM TUDO O QUE ELE DISSER”

INTRODUÇÃO

O papel desempenhado por Maria, mãe de Jesus, tem sido discutido ao longo dos séculos e dividido cristãos e suas igrejas. A Igreja Católica Romana afirma sobre Maria muito mais do que aquilo que é respaldado pelas Escrituras, atribuindo-lhe o título de corredentora e cercando-a com uma grande quantidade de exageros e superstições.

Protestantes, por outro lado, raramente a mencionam em seus púlpitos. Tal atitude não faz justiça às Escrituras. Nossa apreciação por Maria não pode ser menor que nossa apreciação e respeito por outras figuras sagradas.

I. MARIA NAS ESCRITURAS

1. As referências a Maria são raras. O material sobre ela limita-se às poucas citações dos Evangelhos e a um único texto no livro de Atos.
2. Essas referências, com exceção das narrativas da infância nos dois capítulos em Mateus e Lucas, são tudo o que encontramos.
3. O nome pessoal de Maria nunca aparece no Evangelho segundo João, o que é no mínimo curioso, porque esse Evangelho menciona várias outras mulheres com o nome próprio de Maria.

II. NOS EVANGELHOS SINÓTICOS

MARCOS:

1. Maria aparece em 3 cenas. Marcos 3:32-35 trata a questão de quem realmente são Seus parentes.
2. Marcos 6:3 diz que Jesus é “filho de Maria” e irmão de Tiago, José, Judas e Simão (provavelmente filhos de José, esposo de Maria, de um casamento anterior).

3. Em Marcos 15:40, na cena da crucifixão, uma das Marias é identificada como mãe de “Tiago e José”. Em associação com Marcos 6:3, Mateus 13:55 e Mateus 27:56, concluímos que a Maria mencionada aí é a mãe de Jesus, o que é confirmado pela mesma cena em João 19:25.

MATEUS E LUCAS:

1. Aqui encontramos as chamadas “Narrativas da Infância”:
2. Sua genealogia: Mateus inclui na genealogia de Jesus cinco mulheres “pouco notáveis”. Algumas marcadas pelo estigma de reputação negativa como Tamar, Raabe, Rute e Bate-Seba.
3. Maria é uma camponesa simples, escolhida por Deus para ser a mãe do Messias. Jesus desconsidera as noções humanas de “pedigree”, “sangue azul” e Se identifica como um de nós.
4. Seu nascimento: Novamente desconsiderando os “cacoetes” humanos, o Messias nasce num estábulo, porque “não havia lugar para eles na hospedaria”. Com Jesus, aprendemos que as coisas importantes são invisíveis aos olhos, e “só se vê bem com o coração” (Antoine de Saint-Exupéry).
5. Deus tinha agora uma face entre nós. Ela certamente lembrou-Se das palavras do anjo “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá” (Lucas 1:35). Maria eventualmente entendeu que Deus decidiu nos visitar em fraqueza, para nos ensinar um tipo diferente de força.

III. MARIA NO EVANGELHO DE JOÃO

1. No quarto Evangelho, encontramos apenas duas passagens em que Maria é identificada apenas como a “mãe de Jesus”. Uma no início e outra no final do evangelho, na cena da transformação de água em vinho, no casamento em Caná e outra no final, junto à cruz.
2. O episódio das “bodas em Caná” (João 2:13-22) representa uma confirmação para os Seus discípulos.
3. O diálogo entre Jesus e Maria não envolve nada ofensivo ou desrespeitoso. Jesus, contudo, deixa claro que Ele é guiado por outra agenda.
4. Jesus oferece o “melhor vinho” (suco de uva, como argumentado na nota, ao final).

Na cena do Calvário (João 19:15-27), sua presença desafia a covardia de outros e as forças da morte.

“A espada lhe atravessa a alma”. Ela vê o seu filho pendurado no madeiro, com sede, pregado entre o Céu e a Terra.

Jesus é tanto Filho de Maria como o Seu Salvador. Ela nunca pretendeu ser mais que uma pecadora em necessidade da graça.

Em Atos 1:14, depois da morte de Jesus, ela aparece apenas uma vez, em oração com os outros. Sua vida e testemunho apontam para Jesus Cristo e nos recomendam a fazer o mesmo. Para ela e para os outros discípulos, “não há salvação em nenhum outro”.

De Maria, aprendemos obediência e submissão mesmo quando isso parece difícil ou até perigoso. Ouvimos dela as palavras que continuam a nos desafiar: “Façam tudo o que Ele lhes mandar” (João 2:5).

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no text or other markings on the paper.

[illegible]

7

NICODEMOS | O DISCÍPULO DA NOITE

INTRODUÇÃO

Nosso encontro com Nicodemos, nos momentos finais da Paixão, nos remete a três anos e meio antes, ainda no início do ministério de Jesus Cristo (João 3:2).

I. QUEM ERA NICODEMOS?

1. Quem era Nicodemos? Ao que tudo indica, ele pertencia ao grupo mencionado em João 2:23, os que “viram os sinais”.
2. Personagem exclusivo do quarto Evangelho. Como tomou conhecimento de Jesus? Há várias possibilidades. É provável que sua curiosidade tenha sido despertada.

II. O MESTRE EM ISRAEL

1. Seu nome significava “vitória do povo” ou “líder do povo”. Estaria ele esperando o libertador do jugo romano? Não sabemos.
2. Formação e posição social não foram suficientes para preencher o vazio de sua alma. Como tantos outros, sentia-se insatisfeito com a religião formal.
3. Por isso, marca um encontro com o Rabi galileu, em um local afastado.

III. INICIANDO O DIÁLOGO

1. Na presença de Jesus, ele se sente aceito. Jesus o recebe com um sorriso cordial, mas há algo nesse Rabi que é enigmático e, de certa forma, o intimida.
2. Jesus não dá a Nicodemos nenhuma esperança falsa: “Você tem que nascer de novo.”

IV. NASCER DE NOVO

1. Nicodemos ficaria feliz se a exigência fosse outra. Ele estava preparado para alguns ajustes, mas não era disso que ele precisava (João 3:3).
2. “Nascer de novo” – reviver aquilo que o pecado matou na raça humana.
3. Se ele está entendendo corretamente, nada em sua religião tem, de fato, qualquer valor.

V. NASCER DA ÁGUA

1. O golpe é extraordinário. Exigir de um judeu, membro do Sinédrio, ser batizado? Ser tratado como um prosélito? O batismo: símbolo de morte, sepultamento e nova vida.
2. Nascer da água e do Espírito (João 3:5). Para dar-nos o exemplo, Jesus submeteu-se ao batismo (João 1:32).
3. Para Nicodemos, ser filho de Abraão não é suficiente. O acesso ao Reino exige um nascimento sobrenatural, do qual o batismo literal é um símbolo.

VI. TRÊS ANOS DEPOIS

1. Nicodemos saiu marcado por Jesus. Ouviu as enigmáticas palavras “Como Moisés levantou a serpente...”
2. Depois desse encontro, Nicodemos reaparece em duas outras ocasiões. Na primeira, quando o alto escalão do judaísmo decide se livrar do Rabi galileu, ele arrisca uma palavra em Sua defesa (João 7:50-52).
3. O Sinédrio acusa Jesus de transgredir a lei. Nicodemos O defende, fazendo referência a Deuteronômio 1:17, 17:9 e 19:15. Sutilmente, ele demonstra quem são os transgressores da lei.
4. A má vontade dos membros do Sinédrio, ou a ignorância deles, é vista ainda quando dizem que “da Galileia não surgiu nenhum profeta”.
5. A visão tem um preço que muitos não estão dispostos a pagar, e assim preferem as trevas (João 3:19). Os inimigos de Jesus preferiram as trevas.

VII. JUNTO À CRUZ

1. Finalmente Nicodemos aparece no cenário do sepultamento de Jesus. Teria ele acompanhado o cortejo da crucificação? Com José de Arimateia, pediram a Pilatos permissão para tirar o corpo de Jesus da cruz (João 19:38-40).

2. Viu o corpo inerte do Senhor — agora “propriedade de ninguém”. Liberto das velhas amarras, deve ter contemplado por instantes o rosto pálido do jovem Rabi na morte.
3. O sorriso amigo havia desaparecido, mas as palavras de Jesus continuavam vivas para o antigo fariseu: “como Moisés levantou a serpente, importa que o Filho do Homem seja levantado” (João 3:14).
4. Nicodemos esteve presente na morte de Jesus e ajudou a perfumar as feridas que sua covardia ajudara a abrir. Ele representa um parto demorado, mas, afinal, nasceu em Cristo.

CONCLUSÃO

Segundo a tradição, Nicodemos foi batizado por Pedro e João, expulso do Sinédrio e, por fim, expulso de Jerusalém.

- Um Evangelho apócrifo foi escrito em seu nome.
- Ellen White, no livro *O Desejado de Todas as Nações*, página 125, confirma a participação de Nicodemos na proclamação do Evangelho.

A mensagem do seu nome “vitória do povo” se realiza afinal em essência, como a “vitória do povo do Messias”.

George Whitefield pregou 300 sermões sobre o texto de João 3:3. Quem não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus. O novo nascimento é exigência universal. Sem ele, é impossível VER o Reino de Deus.

This image shows a full page of blank, lined paper. It features approximately 20 horizontal blue or grey lines spaced evenly apart, typical of notebook paper. The lines extend across the entire width of the page, leaving small margins at the top and bottom. There are no vertical lines, text, or other markings on the page.



O PODER DA SUA RESSURREIÇÃO

INTRODUÇÃO

A cruz, aparentemente, representou para os inimigos de Cristo uma formidável vitória. Abandonado por Seus seguidores, publicamente negado por um dos mais íntimos, traído por outro, ridicularizado e zombado; abandonado por todos e, segundo Ele, pelo próprio Deus. Segundo Deuteronômio 21:23, todo aquele que era pendurado no madeiro era maldito de Deus.

Mas isso era apenas a sexta-feira, quando as forças do mal pareciam vitoriosas. Isso, contudo, era apenas sexta-feira! E a história ainda não tinha terminado.

I. PARA QUE SE CUMPRISSE A PROFECIA

1. Os soldados, para se afastarem do cenário fúnebre, deviam estar certos de que a missão fora cumprida.
2. Quebraram a perna dos dois ladrões. Era para acelerar a morte. Não poderiam mais se levantar para respirar. Mas Jesus já estava morto, em cumprimento da profecia de que “nenhum dos seus ossos seria quebrado” (João 19:32,33/Salmo 34:20).
3. Os romanos especialistas na arte macabra da crucifixão querem ter certeza de que Ele está morto. Seu lado é furado por uma lança romana, de onde “saiu sangue e água” (João 19:34). Era o Seu atestado de morte!
4. Que final trágico! Sonhos esmagados, esperanças destruídas. Tudo terminado. MAS SERÁ?
5. A cruz nos relembra que a morte não é toda a realidade. A história da cruz não estaria completa se tudo terminasse naquela sexta-feira, 14 de Nisã.

6. A morte é parte da realidade humana. A ressurreição de Jesus trouxe luz às nossas trevas.
7. O rumor começou a se espalhar em Jerusalém: Ele morreu, mas está vivo. Caifás e todos os outros do partido dos Saduceus enfrentavam um enorme problema doutrinário, pois eles não criam na ressurreição (Atos 23:8).

II. ELE ESTÁ VIVO

1. Ao longo dos séculos, a realidade da ressurreição de Jesus tem enfrentado a incredulidade. Muitos têm tentado “explicar” a ressurreição.
2. Aquele que teve uma entrada sobrenatural na história sai dela também com uma ressurreição gloriosa.
3. “Quem afastou a Pedra?” A experiência das mulheres que visitaram o túmulo de Jesus no primeiro dia da semana, encontrando a pedra removida.
4. Quem teria removido a pedra? As alternativas apresentadas não são convincentes.

III. O FATO E SEU SIGNIFICADO

1. A ressurreição é o fato. Qual é seu significado?
2. Nenhum evento é mais importante. A ressurreição de Jesus foi a vindicação de tudo o que Ele disse e ensinou. Agora podemos falar de Deus com confiança.
3. Nosso sofrimento, dor e até a própria morte não têm a última palavra.
4. Com Paulo, podemos dizer com confiança: “nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória” (2 Coríntios 4:17).
5. A ressurreição vindicou também os Seus seguidores. A Igreja se ergue sobre esta verdade.
6. “Para conhecê-lo e o poder de sua Ressurreição e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-se com ele em sua morte” (Filipenses 3:10). Se Cristo não tivesse ressuscitado, nada mais faria sentido (1 Coríntios 15:17).

IV. ELE NÃO ESTÁ MAIS AQUI

1. A ressurreição é como um Sol que nasce para nunca mais se pôr. Ele havia voltado da morte. Não mais sofrimento sem esperança ou derrotas insólúveis. Não mais separações permanentes.

2. Ela é a solução para as “coisas muito quebradas” que desafiam os consertos humanos.

V. AS VERDADES DA RESSURREIÇÃO

Sobre a ressurreição, os cristãos creem:

1. Primeiro, ela é central. Sem ela, tudo seria escuro, e a Palavra da pregação seria loucura.
2. Segundo, ela é confortadora. Sem ela, na presença da morte, nada teríamos para dizer e não veríamos significado na vida. A ressurreição do Senhor é o penhor da nossa ressurreição e dos nossos queridos. Podemos nos despedir deles com um “até logo”, certos do reencontro. Grandes homens nos ensinaram a morrer com coragem; Jesus nos ensinou a morrer com confiança. A morte morreu naquela sexta feira, quando Ele pendeu a cabeça; Ele partiu os Seus grilhões. Por isso, junto com a multidão de santos, cantaremos: “Onde está, ó morte, a tua vitória?”
3. Terceiro, ela representa um desafio: nos deixa com a tarefa de “contar a história”.
4. Finalmente, a ressurreição representa poder. Ela ergueu a Igreja e deu origem ao Novo Testamento.
5. Todos morreram no primeiro Adão, mas os que O receberem viverão no segundo Adão (Romanos 5:17). A ressurreição representa o poder de libertação, a certeza sobre a dúvida, o triunfo sobre a solidão e a certeza da vida eterna.

CONCLUSÃO

O Dr. Alvin Silverstein, professor de biologia na City University, em Nova York, escreveu o livro *A Conquista da Morte*. Em sua teoria, a vitória sobre a morte, pela ciência, está muito próxima. O problema com a teoria do Dr. Silverstein é que continuamos testemunhando a morte e enterrando nossos queridos. O próprio Dr. Silverstein morreu em 2018 vítima de câncer, sem ver a realização de sua teoria.

O Instituto Alcor Life (Instituto de Extensão da Vida), no estado do Arizona, mantém 300 corpos humanos, congelados a aproximadamente 200 graus negativos (método chamado criogenia), ao custo de 300 mil dólares, aguardando a vitória da ciência sobre a morte. E milhares estão na fila aguardando uma oportunidade.

A vitória sobre a morte foi garantida quase 2.000 anos atrás, no calvário, quando o Homem Deus deixou a sepultura vazia. O atestado de óbito da morte foi então proclamado.

O apóstolo Paulo, em vários textos, afirma esta esperança dos cristãos, garantida pela vitória de Cristo sobre a morte (1 Tessalonicenses 4:14-17). Não dizemos “adeus” aos nossos queridos que nos foram roubados pela morte. Chegará o dia de revê-los. Rever sorrisos que nunca esquecemos. Faces que continuam em nossa memória.

Viveremos então na terra do “não mais.” Não mais morte, lágrimas, dor, injustiças e separações (Apocalipse 21:4-6; 22). Estaremos, afinal, na presença de Deus e veremos Sua face (Apocalipse 22:3, 4).

ANOTAÇÕES

[illegible]

[illegible]

[illegible]